

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
IFSP – CAMPUS SÃO PAULO  
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* DE FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES - ÊNFASE NO MAGISTÉRIO SUPERIOR**

**MARCELO OLIVEIRA DA CRUZ**

**A EXPERIÊNCIA DO AUDIOVISUAL NO ENSINO SUPERIOR**

SÃO PAULO  
DEZEMBRO DE 2016

**MARCELO OLIVEIRA DA CRUZ**

**A EXPERIÊNCIA DO AUDIOVISUAL NO ENSINO SUPERIOR**

Trabalho apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior, como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Thomas Edson Filgueiras Filho

SÃO PAULO  
DEZEMBRO DE 2016

Nome: CRUZ; Marcelo Oliveira da

Título: A experiência do audiovisual no ensino superior

Trabalho apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior, como requisito parcial para a obtenção do Certificado de Especialista.

São Paulo, 06 de dezembro de 2016.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

### **BANCA EXAMINADORA**

#### TITULARES

---

Orientador: Prof. Dr. Thomas Edson Filgueiras Filho

---

Examinador: Prof. Dr. Carlos Vinicius Veneziani Dos Santos

#### SUPLENTE

---

Examinadora: Prof.a. Dra. Alda Roberta Torres

## DEDICATÓRIA

Ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo. A todos os professores do curso, que foram tão importantes em minha formação de especialista e no desenvolvimento desta monografia.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Prof. Dr. Thomas Edson Filgueiras Filho, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos. Ao Prof. Me. Hamilton Harley de Carvalho Silva em sua imensa generosidade e contribuição na orientação inicial. Meus amigos Bárbara M. Dias, Bruna Teixeira, Marco Piantola e Sirlem Martins que comigo caminharam. E a minha família pelo apoio incondicional.

## EPÍGRAFE

*“Há os pianos. Há a música. Ambos são absolutamente reais. Ambos são absolutamente diferentes. Os pianos moram no mundo das quantidades. Deles se diz: “Como são bem feitos!”. A música mora no mundo das qualidades. Dela se diz: “Como é bela!”*

**Rubem Alves**

## RESUMO

CRUZ; Marcelo Oliveira da. A experiência do audiovisual no ensino superior. 2016. 50 f. Trabalho apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFSP, Campus São Paulo, Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Formação de Professores – Ênfase Magistério Superior, São Paulo, 2016.  
Versão original.

Nossa pesquisa apresenta a necessidade de métodos de ensino aprendizagem para auxiliar o educando de Ensino Superior pode ser resolvida com a aplicação de estratégias, já difundidas por décadas em outros níveis de ensino de forma eficiente, como o Audiovisual. Devido à necessidade de métodos de ensino aprendizagem, para auxiliar o educando de Ensino Superior, essa pesquisa consistirá de busca de teses, dissertações e periódicos que demonstrem aplicação de estratégias do Audiovisual. Em contribuição para o público alvo, o benefício dessa linguagem é o pensamento reflexivo, crítico e por vezes pragmático. Posto que, frente à sociedade altamente midiaticizada do século XXI a vivência do fenômeno do hipertexto, baixo custo de produção e disponibilização de material fílmico é uma realidade tangível. Assim buscamos compreender como a aplicação de estratégias já difundidas nos meios escolares regulares de forma eficiente como o Audiovisual auxilia métodos de ensino aprendizagem para o educando de Ensino Superior. E o retorno da aprendizagem, dos discentes, não só em forma de textos escritos, orais, e sim também em linguagem fílmica.

**Palavras chave:** Ensino Superior. Filme. Método. Tecnologia Midiática.

## ***ABSTRACT***

Our research presents the need for learning teaching methods to assist the student in higher education can be solved with the implementation of strategies, as widespread for decades in regular school environments efficiently, as the Audiovisual. Because the need for methods, teaching and learning, to assist the student in higher education, this research is justified by the search for theses, dissertations and journals that demonstrate the application of the Audiovisual strategies. In contribution to the target audience, the benefit of this language is reflective thinking, critical and sometimes pragmatic. Since, compared to the highly mediatic society of XXI century the experience of hypertext phenomenon, low production cost and availability of film material is a tangible reality. So we try to understand how the application of strategies already widespread in the regular school environment efficiently as audiovisual aids learning teaching methods for educating college. And the return of the learning of students, not only in the form of written, oral, but also in film language.

**Key words:** Higher Education. Movie. Method. Media technology.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – O Grito, Edvard Munch .....	17
---	----

## Sumário

<u>INTRODUÇÃO .....</u>	<u>11</u>
<u>1. A EXPERIÊNCIA DO AUDIOVISUAL NO ENSINO SUPERIOR.....</u>	<u>14</u>
<u>2. SOCIEDADE ALTAMENTE MUDIATIZADA DO SÉCULO XXI .....</u>	<u>17</u>
<u>3. O EMPIRISMO COM O AUDIOVISUAL NO ENSINO SUPERIOR .....</u>	<u>20</u>
<u>3.1 Recursos audiovisuais.....</u>	<u>23</u>
<u>4. O FAZER E APRENDER PELA PRODUÇÃO FILMICA.....</u>	<u>25</u>
<u>4.1. Criação verbal e fílmica ocorre no pós e durante a produção. ....</u>	<u>26</u>
<u>5. PRODUÇÕES ACADÊMICAS.....</u>	<u>31</u>
<u>6. PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DO AUDIOVISUAL NO MUNDO ACADÊMICO.....</u>	<u>34</u>
<u>7. APRENDIZAGEM COM USO PEDAGÓGICO DO AUDIOVISUAL.....</u>	<u>36</u>
<u>8. MATERIAIS FILMICOS E SUAS PRODUÇÕES.....</u>	<u>38</u>
<u>8.1 Significando e interpretando os significados.....</u>	<u>39</u>
<u>8.2 Grandes nomes já pensaram de 'alguma forma' sobre isto. ....</u>	<u>40</u>
<u>9. CONCLUSÃO.....</u>	<u>42</u>

## INTRODUÇÃO

A Nova Teoria da Comunicação se dedica a entrar a fundo no fenômeno comunicacional: estudar como a mente das pessoas reage diante de múltiplos estímulos, provocações, sinais, flashes do mundo externo que nos atingem todos os dias, todas as horas, em todos os lugares. O que se passa com a gente ao receber esse volume fantástico de excitações externas. O que fazemos com elas, como reagimos, o que elas fazem conosco. (FILHO, 2013, P.10)

Damos início a essa pesquisa tentando compreender o que os estímulos externos são capazes de fazer conosco, e buscamos entender como nós nos beneficiamos destes estímulos na hora de ensinar, transmitir o conhecimento que adquirimos com base na “*Nova Teoria da Comunicação*”(Filho, 2013). Por tal, buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema de pesquisa: como a aplicação de estratégias já difundidas por décadas na educação básica de forma eficiente como a comunicação pelo Audiovisual auxilia métodos de ensino aprendizagem para ajudar o educando de Ensino Superior? Essas práxis com o audiovisual, ocorrem com frequência no Ensino superior? Seriam estas estratégias da linguagem fílmica nas Universidades do Estado de São Paulo com cursos de Audiovisual utilizada pelos docentes?

E seguindo estas pistas, este projeto de pesquisa delimitou-se em colher informações que auxiliassem a elucidar o problema apresentado, tendo como referência banco de teses e dissertações. A começar pelo que relata Patrícia Lins em sua resenha da obra de Ciro Marcondes Filho: *Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria*; publicada na Revista Eletrônica Temática:

[...]ele vai passeando por áreas em que a comunicação possa se fazer presente: o diálogo entre duas pessoas; o diálogo coletivo; a educação e o ensino; a imprensa; os produtos culturais (cinema, literatura e arte); a internet; a política e a opinião pública; o entretenimento; e a publicidade. [LINS, 2009, P.1]

Em que nos respaldamos para buscar compreender melhor as questões apresentadas, com a finalidade de identificar o benefício da linguagem fílmica frente à sociedade altamente midiaticizada do século XXI e que já vivencia o baixo custo de produção de material fílmico, e sua disponibilização. Enfim, este diálogo coletivo

entre a educação e o ensino, e os produtos culturais, é algo que já constatamos e refutamos que existe nos moldes dos mitos e teorias ultrapassadas da comunicação. “Ela é algo que ocorre entre as pessoas, uma relação que se estabelece entre mim e você ou entre mim e uma coisa, e que depende mais da recepção do que da emissão; é um fenômeno raro, mas que não é impossível.” (LINS, 2009, p.1). E seguimos na busca de nossos objetivos específicos agora, os quais são: buscar nas bases de dados de teses e dissertações produções específicas para apoio de ensino aprendizagem, apresentar o que foi construído para ser material de utilização pelo espectador como agente final e se houve algum projeto que teve a finalidade de ser o próprio processo de construção fílmica como objetivo. Constatar o papel do audiovisual dentro das universidades. Ora como estratégia pedagógica a ser assistida, ora para ser produzida como ferramenta de auxílio formativo. Descrever a necessidade ou não da linguagem do audiovisual como ferramenta pedagógica eficaz no Ensino Superior. E iniciamos nos respaldando em pensadores importantes da criação estética, tal como Bakhtin

[...]às relações do tipo eu-tu e não mais eu-isso. A referência ao absoluto e, portanto, à realidade que sustentava a concepção anterior, encontra-se agora rejeitada. (...) No lugar do absoluto encontramos uma multiplicidade de pontos de vista (os das personagens e o do autor que lhes é assimilado) e eles não conhecem privilégios nem hierarquia. A revolução de Dostoiévski, no plano estético (e ético), é comparável à de Copérnico ou, ainda, à de Einstein, no plano do conhecimento do mundo físico (imagens favoritas de Bakhtin): não há mais centro e vivemos na relatividade generalizada. Bakhtin mantém sua observação, segundo a qual, em nosso mundo contemporâneo, é impossível assumir uma verdade absoluta e devemos nos contentar em citar, ao invés de falarmos em nosso próprio nome. (...) Em um texto de 1929, assinado por Volochinov, ficamos sabendo que essa espécie de renúncia ao absoluto é uma característica (deplorável) da sociedade moderna: já não se ousa dizer nada com convicção e, para dissimular as incertezas, as pessoas refugiam-se nos diversos graus da citação; já não falamos senão entre aspas. (...) Muito embora as coisas não sejam tão simples assim na trajetória intelectual de Bakhtin, pois seu pensamento não se desenvolveu de maneira uniforme e linear, é possível perceber uma unidade que se realiza na convicção de que o inter-humano é constitutivo do humano. (...) Poderíamos, assim, distinguir quatro grandes períodos (quatro linguagens), conforme a natureza do campo em que ele observa a ação desse pensamento: fenomenológico; sociológico; linguístico; histórico literário. (...) Neste livro, Estética da criação verbal, estão reunidos os escritos que

pertencem ao primeiro e ao último período. (BAKHTIN, 2003 apud TZVETAN TODOROV, 2003, p.8-10; p.15)

Visando à finalidade deste resumo, interessa-nos destacar entre esses escritos, respectivamente a cada período, *O Autor e O Herói* e *Os Gêneros do Discurso*, optando também por colocar, a título de Considerações finais, uma síntese dos principais conceitos difundidos por este importante pensador do século XX.

Nossa impressão após tantas leituras diversificadas é que muitos são os paradigmas direcionados ao uso do audiovisual, especialmente os estudiosos da sociologia, estética e criação fílmica, por isso buscamos conhecer o funcionamento da aplicação deste tipo de metodologia, pois se para o cinema educar é um dos seus motes, ainda quando seja cinema mudo, as emoções e a carga imagética invoca as palavras para a concretização do evento no cérebro humano; e indagantes questionamos: como se fez e faz a difusão deste material, nas universidades? Respaldamo-nos em Ciro Marcondes filho, grande autoridade no quesito Comunicação, o qual revela a importância do que nos legou o grande gênio da criação verbal, o de compreender para focar o 'tu' e o 'eu', segundo Ciro Marcondes 'O tu vem antes do eu; a paixão, o diálogo', por isso nossa incursão estar vinculada ao estudioso de tal área, permitindo assim focarmos nossa atenção ao proposto educativo.

## 1. A EXPERIÊNCIA DO AUDIOVISUAL NO ENSINO SUPERIOR

Tudo começa com um “tu”. Tu é qualquer ser que esteja presente no face a face. Pode ser um homem, uma flor, uma obra de arte, um filme, Deus.[...] a arte brota à pessoa [...]como um tu, de forma instantânea, de um só golpe, sem meditações, como uma intuição. Uma musica não se decompõe em notas e versos, mas acontece de uma só e única vez. [...] o outro não e a outra pessoa, mas “aquilo que eu não sou”, que me dá algo além de mim. Por exemplo, no ensino, a ligação com outrem – com os alunos – pode introduzir em mim o que não estava[...]. (MARCONDES FILHO, 2013, p. 34, 35)

Ao buscar conhecer e relacionar a aplicação de estratégias já difundidas por décadas nos meios escolares regulares de forma eficiente como o Audiovisual nas Universidades com cursos de Audiovisual do Estado de São Paulo iremos realizar uma pesquisa aplicada, uma vez que utilizará conhecimento da pesquisa básica para resolver problemas.

Para um melhor tratamento dos objetivos e melhor apreciação desta pesquisa, observou-se que ela é classificada como pesquisa exploratória. Detectou-se também a necessidade da pesquisa bibliográfica no momento em que se fez uso de materiais já elaborados: livros, artigos científicos, revistas, documentos eletrônicos e enciclopédias na busca e alocação de conhecimento sobre as estratégias da linguagem fílmica nas Universidades com cursos de Audiovisual, correlacionando tal conhecimento com abordagens já trabalhadas por outros autores, entretanto, isso se dará em um momento posterior à este trabalho científico em que teremos maior disponibilidade de tempo e espaço para alocar o que necessitamos para a pesquisa ser eficiente e eficaz. O fato é que já incutimos aqui o cerne de nossa ideia chave para a principal que se seguirá.

Por ser um tipo de pesquisa muito específica, quase sempre ela assume a forma de um estudo de caso (GIL, 2002), sendo questionadora e reflexiva. Por sua vez, proporciona maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito ou construindo hipóteses sobre ele, através principalmente do levantamento bibliográfico. Continuamos nossa incursão com ninguém menos que Tzvetan Todorov, autor do prefácio de Estética Da Criação Verbal, e define Mikhail Bakhtin (1895-1975) como:

uma das figuras mais fascinantes e enigmáticas da cultura europeia de meados do século XX, que rompe com a concepção de homem que adquire uma linguagem ideal, pronta e acabada, e com a dicotomia que toma a linguagem como forma e conteúdo. [BAKHTIN, 2003, apud TZVETAN TODOROV, 2003, p.2]

Levando-nos ao ato de refletir nas formações das concepções estéticas da criação verbal se dão os âmbitos da comunicação literária, que é o cerne das obras cinematográficas mais famosas. Paremos para refletir no que o prefaciador relata sobre o pensamento de Mikhail Bakhtin. E é partindo desta dicotomia que a linguagem possui é que surge nossa pesquisa, com a necessidade de utilizar o audiovisual como ferramenta coletiva de alcance do interlocutor, finalizando o processo e concluindo a comunicação da mensagem desejada, é onde a linguagem verbal se sente dicotomizada, a imagem vem em seu auxílio, tomemos o quadro “O Grito” de Edvard Munch.



Figura 01 – O grito, Edward Munch de 1893  
Fonte: Univesia – Galeria de fotos / <https://goo.gl/AUml2w>

Vejamos um exemplo de representatividade da emoção, que dificilmente um poeta no seu mais profundo clamor consegue expor e alcançar a um público tão vasto, como o fez a obra de arte. E por estas vias seguimos com os outros autores que nos direcionam para corroborar nossa pesquisa, na importância do uso do audiovisual como metodologia de ensino universitário.

Como procedimentos, podemos citar a necessidade de leituras diversificadas que amparem, respaldando teoricamente nossas análises. Isso porque faremos uso de material já publicado, constituído principalmente de livros. Também entendemos como um procedimento importante a coleta de dados bibliográficos, como procedimento técnico.

A abordagem do tratamento da coleta de dados da mesma será teórica, uma vez que, a pesquisa implica em que os dados e informações necessárias para realização da mesma, sejam obtidos a partir do apuramento de autores especializados através de livros, artigos científicos e revistas especializadas, entre outras fontes.

O problema foi direcionando a pesquisa para as áreas de métodos de ensino aprendizagem para auxiliar o educando de Ensino Superior com base bibliográfica. Sua relevância alcança objetivos concretos para o processo ensino de estratégias, já difundidas por décadas nos meios escolares regulares de forma eficiente com o Audiovisual. A qual será posta sob uma análise em Universidades com cursos nessa área em foco. Será realizada por meio de buscas nas bases de dados de teses, dissertações e produções específicas para apoio de ensino aprendizagem, afirmando nossa pesquisa exploratória em constatar das universidades utilizarem ou não métodos de ensino aprendizagem do tipo objetivo geral, levando os educandos ao desenvolvimento dos saberes necessários, para aprender a aprender e aprender para fazer com competência suas habilidades, com a eficiência e eficácia garantidas ao final do processo. Em que o diálogo se efetua e a comunicação se estabelece entre o enunciador e o seu interlocutor, e no nosso estudo, em questão focamos o professor e o aluno do ensino superior. Como se dá o processo? Vamos juntos se não mergulhar, ao menos velejar, nesta busca por maiêutica socrática tecnológica. Ocorrerá ou não o uso de recursos audiovisuais e se ocorre como se dá?

## 2. SOCIEDADE ALTAMENTE MIDIATIZADA DO SÉCULO XXI

Para responder a estes questionamentos é que nos respaldamos em teóricos respeitados no assunto, e buscamos especificamente mostrar como a aplicação de estratégias já utilizadas por longo tempo nos ensino básico eficientemente como o Audiovisual auxilia métodos de ensino aprendizagem, que por sua vez norteia o educando de Ensino Superior nas Universidades. Que tem como finalidade identificar o benefício dessa linguagem frente à sociedade imersa na midiatização do século XXI proliferado pelo baixo custo de produção de material fílmico, tanto para quem assiste como para quem o cria, desenvolve e o disponibiliza. Tal é força da linguagem, que o pensamento reflexivo, crítico e pragmático estão fortemente presentes nos bancos de teses e dissertações. E qual o sentido de tudo isso, é uma pergunta que nos impele a continuar nosso respaldo em **Ciro Marcondes Filho**:

Sentido é algo produzido no momento em que entramos em contato com a coisa, que nossa percepção apreende nesse exato instante. Ele não existe por si mesmo, é produto das forças ou energias momentâneas que o impulsionam. E todas as vezes ele é diferente, porque nós, enquanto seres vivos, mudamos o tempo todo. O sentido do mundo, portanto, não está nele, como algo sempre já dado, uma coisa continua imutável; imutáveis ou duradouras podem ser regras da gramática, o que os linguistas chamam de “significação”, mas o sentido de um texto muda todas as vezes que eu o leio. Ele se encontra fora dele, na maneira como nós nos relacionamos neste momento, nesta hora.[...] A comunicação, portanto, como produção de sentido, está vinculada a uma ocorrência determinada, e só a ela. As forças ou energias que possibilitaram o fizeram de forma aleatória e irrepetível: o sentido só ocorre uma vez. Os fatos tem seu instante oportuno pelo encontro acidental de todas as causas favoráveis. Não há reconstrução nem recuperação. O acontecimento como produto contingente de vetores, linhas, fluxos diversos é, por esse mesmo motivo, algo sempre mutante, não é nada que possamos “apanhar”, isolar, fechar num laboratório, manter in vitro, sob formol. Ele passa. Por isso em termos de uma teoria da comunicação, ele não pode construir nenhuma verdade, ele é aquilo que foi. E que passou. [...] A comunicação, portanto, é essa totalidade. O ato único, indivisível, esse pertencimento a um só e mesmo mundo, é o momento mágico de um acontecimento comunicacional. Isso significa dizer que não possuímos a comunicação; antes, ela nos possui. Como dizia Bergson, não é que a música introduz sentimentos em nós, nós é que introduzimos neles; não é um sujeito que age, mas uma percepção que nos invade. O sujeito aí é resultado, efeito, produto da massa variáveis, do conjunto de forças, da infinitude de fios intencionais (Merleau-Ponty) que nos envolvem.[...] [FILHO, 2013, p.44, 45,47]

Desta visão social da comunicação é que surgem nossos questionamentos, pois quando pensamos em mídias sociais, o primeiro elemento que nos vem a cabeça é a velha TV, mas a “telinha”, não é mais a única detentora das atenções, agora temos a tecnologia informatizada via web e outras mais, a imagem, especialmente em movimento e associada de voz e ou textos,, estão tomando conta da mídia e é o que conseguem associar ao que aprendem, com relação aos currículos escolares. Recorrer ao uso das ferramentas com uso do audiovisual para ensinar, pode permitir que a comunicação entre professor e aluno ocorra de modo eficiente e eficaz. Segundo Patrícia Lins, autora da Resenha do texto: “Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria”, a efetividade do ato comunicacional ocorre em poucas ocasiões; por isto precisamos aplicar estratégias para fomentar o uso do audiovisual nas universidades, para que o sucesso do aprendizado seja garantido por todos os estudantes. Vejamos um trecho:

[...] apesar das várias pesquisas desenvolvidas nas faculdades de comunicação, muito poucas são pesquisas em comunicação no sentido estrito. Isto se deve, de acordo com o autor, porque o próprio conceito de comunicação também não está bem esclarecido para todos.

Para Marcondes Filho, comunicação é algo que ocorre entre as pessoas, uma relação que se estabelece entre mim e você ou entre mim e uma coisa, e que depende mais da recepção do que da emissão; é um fenômeno raro, mas que não é impossível. Para chegar a esta definição, o autor dedica o capítulo “Sobre a comunicação” para falar também sobre o que não é comunicação: ela não é transmissão, enquanto passagem de algo a outro; não é sinalização, no sentido de envio simples de mensagens e notícias. [LINS, 2009 p.1]

Sendo preciso recordar que o simples ato de sinalizar e enviar mensagens, ou até mesmo ver um vídeo, se não o fizer de forma direcionada, dificilmente ocorrerá a comunicação. E podemos corroborar isto ao analisar a literatura que surge após a produção fílmica e antes. E a inclusão na educação é fato real, trabalhar com imagens e voz, garantem o procedimento abrangente. Segundo a legislação vigente os benefícios do uso dessa linguagem frente à sociedade altamente midiaticizada do século XXI, buscam garantir que:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: (EC nº 19/98 e EC nº 53/2006)]

- I –igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II –liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;
- III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- IV–gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VI –gestão democrática do ensino público, na forma da lei;
- VII –garantia de padrão de qualidade;” [CFB, 2012, p.121]

Garantir o padrão de qualidade elevada no aprendizado, sem mencionar o fato de otimizar as aulas e atingir no maior espaço, físico e temporal o espaço intelectual, teremos garantia de desenvolver o cognitivo. Auxiliando métodos de ensino aprendizagem para respaldar o educando de Ensino Superior nas Universidades com cursos de Audiovisual do Estado de São Paulo. E por isso temos no cinema e na produção cinematográfica a chance de conseguir um melhor resultado no processo ensino aprendizagem isto sem falar que:

O cinema tem como função social das mais importantes promover o equilíbrio entre o homem e o aparelho. As imagens provocam efeitos na percepção dos atos cotidianos. Os gestos, incluindo o de pegar uma colher ou um isqueiro, são familiares, mas não sabemos nada sobre as elaborações psíquicas contidas neste processo. No entanto, através da câmera e seus recursos, a montagem pode provocar imersões, emersões, interrupções, isolamentos, extensões, acelerações, ampliações, miniaturizações, abrindo, pela primeira vez, para nós, a “experiência do inconsciente ótico”, assim como a psicanálise revelou o inconsciente pulsional. [KLAUS, 2003]

De acordo com o pensamento acima, no entanto, vamos um pouco além do que pensaram, com todas as reverências ao nosso autor, pois nada mais que poucos *insights* acontecem em vão no momento que este inconsciente ótico entra em ação com sua visão de mundo e conhecimento deste. Há que nos atermos ainda ao conteudismo e pragmatismo com que se direciona o mesmo, por isso seguimos na busca de experiências vivenciadas e relatadas, no âmbito da bibliografia sobre o assunto.

### 3. O EMPIRISMO COM O AUDIOVISUAL NO ENSINO SUPERIOR

Por isto continuamos nossa incursão à partir do pensamento de Walter Benjamin, na intenção de compreender algumas resistências ao genial escritor que faz análises bem controversas sobre o cinema. Porém, disparadoras de reflexões e análises que sustentarão a Nova Linguagem da Comunicação (LINS, 2008) frankfurtiana. Não pretendemos aqui nos referenciar por uma crítica, e sim possibilitar a visão que foi construída partindo de sua escola contrária, a de Frankfurt. Onde tem seu maior expoente Teodor Adorno. Benjamin tem o cinema como pensamento de uma comunicação de massa, com reprodutibilidade técnica, fundado no pensamento de Marx.

“Quando Marx empreendeu a análise do modo de produção capitalista, esse modo de produção ainda estava em seus primórdios. Marx orientou suas investigações de forma a dar-lhes valor de prognósticos. Remontou às relações fundamentais da produção capitalista e, ao descrevê-las, previu o futuro do capitalismo. Concluiu que se podia esperar desse sistema não somente uma exploração crescente do proletariado, mas também, em última análise, a criação de condições para sua própria supressão” (Benjamin, 1994, p. 165).

Segundo seu livro O Capital, possui a “criação de condições para sua própria supressão” e o interpreta como sendo autodestrutivo. Seria uma contradição do Capital defendido por Marx? Aqui nos cabe apenas atentar aos resultados postulados pela história. Pois Benjamin temia por um alto valor no cinema ao qual o trabalhador comum não teria acesso. Porém, hoje os recursos de produção e disseminação do audiovisual que já foram impensáveis a apenas uma década estão disponíveis à maioria da população.

Vamos ao texto para sentir o que nos impele as palavras. E ainda vale perceber a importância ótica construída no cinema nas sequências de imagens bem observada por ele:

A recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema o seu cenário privilegiado. E aqui, onde a coletividade procura a distração, não falta de modo algum a dominante tátil, que rege a reestruturação do sistema perceptivo. É na arquitetura que ela está em seu elemento,

de forma mais originária. Mas nada revela mais claramente as violentas tensões de nosso tempo que o fato de que essa dominante tátil prevalece no próprio universo da ótica. *É justamente o que acontece no cinema, através do efeito de choque de suas seqüências de imagens.*(Grifo Nosso) O cinema se revela assim, também desse ponto de vista, o objeto atualmente mais importante daquela ciência da percepção que os gregos chamavam de estética. (BENJAMIN, 1994, p. 194 apud VIANA, 2006, p.)

Tão forte é sua mensagem que essa linguagem, eclode em pensamento reflexivo, crítico e por vezes pragmático, nos textos escritos pelos universitários, após a vivência do audiovisual como respaldo para a criação verbal. Este fenômeno se dá pela criticidade presente no material fílmico, que fica passível de análise e reflexão, levando os universitários a transformar em crítica cinematográfica os seus estudos e relatórios comparativos com os conteúdos teóricos utilizados para embasamentos metodológicos. O cinema e a produção fílmica agora são possíveis de serem realizadas em um aparelho portátil e de fácil aquisição, ou seja, agora ainda mais a produção e o conteúdo cinematográfico se disponibiliza a um grande público. Mas seria adequado utilizar-se deste material para o audiovisual ser difundido em concomitância com os conteúdos curriculares.

Vejamos o que Patrícia Klaus nos diz em desconstrução do pensamento benjaminiano e que vai de encontro à Nova Linguagem do Audiovisual:

A sua tese da reprodutibilidade técnica que rompe com a aura e com a idéia da autenticidade, tem sua fonte neste postulado sobre a tecnologia. Benjamin não percebe que a reprodutibilidade técnica não se dá de forma neutra e que não pode, portanto, ser utilizada por qualquer um em qualquer posição social. A tecnologia se desenvolve tendo por base determinadas relações sociais e de acordo com seu processo de produção e reprodução. Na sociedade capitalista, as relações de produção capitalistas promovem determinado desenvolvimento das forças produtivas (e não um desenvolvimento benéfico e adequado a qualquer relação social). [KLAUS, p.6, 2003]

Essa problemática pode ser entendida ao analisarmos a abordagem benjaminiana do cinema, que nos reporta aos intelectuais refugiados no mundo metafísico, e que não tomam por base uma teoria do cinema concreta, como nós buscamos, neste sentido tentamos ir um pouco mais adiante, e entender melhor o que Benjamin pesquisou aportemos ao outro trecho:

A outra questão se refere ao “inconsciente ótico”. Ele compara este suposto inconsciente com o que ele chama “inconsciente pulsional” da psicanálise. O inconsciente, na perspectiva freudiana e na maioria das tendências psicanalíticas, é um conceito ligado aos desejos reprimidos e se refere à totalidade da experiência humana. O recalçamento é fundamental para se explicar o inconsciente, pois sem aquele, este não existe. Um tal inconsciente ótico é apenas mais uma invenção benjaminiana abstrata, sem nenhum referente material na vida real. Tanto é que ele nem se desdobrou para explicar tal fenômeno, que seria, caso existisse concretamente, de suma importância. É possível pensar que o “inconsciente ótico” seria um “sonho coletivo” produzido pela montagem cinematográfica, mas isto seria algo pouco provável, pois a intenção do cineasta e sua montagem não coincidem, na maioria das vezes, com o do público, que realiza a interpretação e a partir de sua cultura e posição social. Neste caso, apesar de tão equivocado como nos outros, o termo “inconsciente ótico” nada esclarece, apenas obscurece. Não é uma questão ótica, embora acessível pelos olhos do público em relação às imagens do filme. Também não é “inconsciente”, pois é um processo da percepção e não da totalidade da mente humana. [KLAUS, p.6, 2003]

Fatores esses que convergem para o que propomos, quanto ao uso de recursos audiovisuais no ensino superior; se assim não fosse como poderíamos compreender as diversas possibilidades de associação de imagens ao consciente humano, mesmo em referência a existência de um possível ‘inconsciente ótico’. São embasamentos teóricos que corroboram nossa pesquisa de que utilizar recursos audiovisuais no ensino Superior aumenta as possibilidades de alcance da mensagem conteudista ao aluno interlocutor em questão. Confirmando o que registrou Ciro Marcondes Filho em sua teoria da comunicação:

[...]Os engenheiros da inteligência artificial, seguidores de Turing, que acreditavam que os computadores poderiam um dia vir a falar, ignoram que a fala não é apenas a montagem de frases estilo de Noam Chomsk, mas, acima de tudo, a posse de capacidades diretamente atreladas ao ser vivo racional, com alta dose de imprevisibilidade, criatividade e jogo. Para eles, o cérebro não passava de um objeto matemático, que geometriza os fenômenos para mais bem aprendê-los. [...] A semelhança com Platão e as ideias que nascem conosco sem que nós saibamos, não é mera coincidência. ] As máquinas não podem dar conta de todas as mínimas sutilezas que exige uma inteligência humana. [...] Os homens mudam são imprevisíveis, porque o móvel de suas ações

não está em nenhum registro, está, pelo contrário, na sua relação com o mundo e o ambiente, na imodificável indeterminação de seus valores, sempre em mutação. E para vasculhar esse domínio teremos que entrar no campo dos humores, das preferências singulares, dos posicionamentos em relação ao mundo; em suma. Dessa estranha química entre vivência difusa, indeterminada, realizada segundo processos subjetivos, pessoais, e o modo de reação psíquica a isso, por sua vez, vinculado a fatos imperscrutáveis no pré-natal e do pré-simbólico.[...] [FILHO, 2013, p. 128,129]

O teórico além de possibilitar nosso respaldo, permite a criação metodológica de aulas com recursos audiovisuais por meio da pedagogia construtivista, já que confirma nossa perspectiva de que o ser humano é mutante por natureza, e exige a mutação em todos os campos em que vivencia o ensino-aprendizagem. Buscamos assim ao utilizar os recursos audiovisuais no ensino superior alcançar o mínimo de cada participante do processo de formação do conhecimento pessoal, constituindo o processo comunicacional almejado pelos que atuam como protagonistas neste processo. Saber o que usar e como usar os recursos audiovisuais é o nosso próximo intuito, e seguimos nesta incursão.

### 3.1 Recursos audiovisuais

Percebe-se que a relação dos alunos de graduação, na maioria jovens, com os meios de comunicação é bastante intensa, tanto no aspecto do entretenimento, como na busca de informações. E, ainda, com relação à utilização do "tempo livre" 15% o destinam à TV e, ainda, 29% consideram a TV ou o rádio como fonte principal de informação. Com relação ao cinema, 22% dedicam seus "tempos livres" assistindo a filmes, dado que demonstra a clara relação entre entretenimento e cinema para os jovens vestibulandos.

Contudo, não é suficiente que o professor identifique os motivos que levam os alunos a utilizarem os meios de comunicação. É importante conhecer os diversos métodos de utilização dos meios de comunicação para empregá-los de acordo com os objetivos a serem alcançados. [DUARTE, 2002, p.126]

É interessante observar o que nos relata Rosália Duarte em seu texto "Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação." Induzindo-nos ao pensamento reflexivo na escolha dos recursos audiovisuais, pois em suas

explicações reforça a importância de se desenvolver a mediação com a utilização adequada das mídias. Ao concordar com os autores acima citados ela corrobora a ideia de que a realidade sendo reorganizada penetra nos incônditos do ser, sendo que muitas vezes esta ocorre de forma apenas ilusória, e vai adiante tratando o cinema como um campo educacional que abarca as dimensões culturais diversas, difundindo o uso do cinema da educação escolarizada, afirmando a conexão entre o currículo nas salas de aula e o currículo no cinema e a autora pontua o caráter educativo do cinema com veemência. Observemos outro trecho:

No quinto capítulo, a autora discute especificamente o cinema na escola. Cita uma série de "filmes de escola" que veiculam representações de currículo, de professores/as, de preferências sexuais, entre outras questões. Rosália reafirma a necessidade de explorarmos filmes na escola, mas não somente como recurso de apoio didático, de segunda ordem. Podemos contribuir no processo de "ensinar a ver". Porém, devemos nos preocupar também com a escolha dos filmes, a partir do que sabemos sobre cinema. O cinema é uma rica fonte de conhecimentos, apesar de termos uma certa dificuldade em percebê-lo desta maneira; e é, também, uma forma de arte. A autora traz ideias e propostas de trabalhos com filmes, principalmente os de ficção científica, cujo caráter pedagógico, segundo ela, tem um sentido bem mais abrangente. Por isso, reitera a importância da análise das imagens e das narrativas fílmicas.] *Em seguida* (g. n.) discute os filmes enquanto objeto e campo de pesquisa em educação. Os filmes podem ser lidos e analisados enquanto textos, o que implica uma análise descritiva de filmes. [...] Encerra o livro dizendo que: "Ver e interpretar filmes implica, acima de tudo, perceber o significado que eles têm no contexto social do qual participa. [DUARTE, 2002, p. 107]

Estas observações vêm ao encontro de nossos estudos e constitui elemento teórico respeitável no que trata de metodologia e prática de utilização de audiovisuais, tendo em vista que a autora sugere com fundamentação empírica a experiência positiva do método se bem elaborado e o material previamente selecionado. Sugere também leituras sobre o que é filmografia e sobre a história e teoria do cinema; não deixando transparecer dúvidas do caráter didático do cinema, mostrando também como deve ser feito. Afirmando a relevância de os educadores não ignorarem a ampla série de pedagogias culturais para o ensino. Com base nestas fontes de estudo caminhamos em direção ao que há de fato no ensino superior em se tratando de "ensino aprendizagem" e "cinema pedagógico". Como as relações estão fundamentadas é algo que tentamos compreender.

#### 4. O FAZER E APRENDER PELA PRODUÇÃO FILMICA.

Para que possamos entender e aprofundar um pouco o que vem a ser o processo ensino-aprendizagem no mundo acadêmico citamos uma autoridade respeitada no assunto, Mário Sérgio Cortella, que defini termos como “conhecimento” e “verdade” reportando-nos a “Eureka” e ainda “Maiêutica socrática”, pois que as formas definidas levam à descoberta de algo novo, não eximindo possíveis aberturas para novas maneiras de ensinar e aprender, e aprender com eficiência e eficácia, diante da atual conjuntura político educacional que estamos vivenciando; não podemos esquecer a Verdade Universal, especialmente no quesito “obter formação efetiva do intelectual acadêmico”, estando comprovada a real necessidade de incorporação as novas metodologias acopladas à tecnologia informatizada e ‘midiática’, abrindo aspas aqui para o sentido da palavra, já que mídia, tem em vários idiomas significados diferenciados, levando-nos ao texto de Adalberto Müller, o qual nos remete ao pensamento de Proust e suas observações:

Ora, a distinção luhmanniana entre Medium/Form (“meio/ forma”, na tradução corrente) também não diz respeito a “meios de comunicação”, uma vez que, pelo exemplo clássico de Luhmann, quando vemos uma pegada na areia o “medium” é a areia, ao passo que a forma é a pegada.[...]. A recusa de Ciro Marcondes pelo termo “mídia” deveria levar em conta que na língua alemã “Medien” também é um termo “abastardado”, uma vez que é um plural “alemanizado” do latim “medium” (o “correto”, pois, seria “das Medium”/ “die Media”). Assim, acredito na riqueza semântica do termo “mídia” em português, uma vez que a palavra pode significar várias coisas[...] [MÜLLER, 2009, p. 142]

Sugerindo que façamos análise do termo, antes de emitirmos opiniões vagas, ou mesmo criar um preconceito que venha a impedir o uso de recursos audiovisuais, por desconhecer as diversas possibilidades de diálogo que a própria palavra definidora do sentido de recursos midiáticos, é preciso conhecer para opinar e principalmente conhecer para utilizar de forma metodológica os recursos audiovisuais. Permitindo essa metodologia presente atrelada aos componentes curriculares, toda a busca pelo conhecimento e descoberta da verdade, observemos trecho do texto de autoria do respeitado filósofo e escritor Mario Sergio Cortella:

Todo educador tem uma interpretação, nem sempre consciente e reflexiva, sobre o conhecimento: o que é, de onde vem e como

chegar até ele. Fala-se aqui de uma “teoria” do conhecimento”: antes gnosiologia (de gnosis=conhecimento), depois filosofia da Ciência e mais recentemente, epistemologia (episteme=ciência). Também nos preocupamos em julgar se o conhecimento é válido ou correto, ou seu valor de Verdade. A noção mais presente no nosso sistema educacional é o que entende o Conhecimento ou a Verdade como descoberta. Falar de Verdade é complexo, pois raízes ocidentais e construções históricas de sentido a relativizaram. Etimologicamente, verdade vem do latim veritate, com radical verus (certo, correto). Veritate, por sua vez, em grego, era alétheia, ou a (não) létho (esquecer). Desse ponto de vista, verdade tem a idéia de não-esquecível, não-velado. O que não se esquece é o que se vê, daí a noção de que a Verdade precisa ser vista ou desvelada ou descoberta. Surge no período clássico grego (séculos V e IV a.C.), com Platão. (CORTELLA, 2005, p. 3)

Fazer é saber, no diálogo constante que permuta as definições do filósofo, o docente aprende quando ensina, e o discente traz à tona o conhecimento internalizado, dando à luz ao seu conhecimento, de acordo com os dados coletados e o conhecimento de mundo. Tendo a relativização do termo, como campo de interpretações e busca de uma Verdade, ainda que relativa. Aspectos relevantes são postos à prova quando a busca do conhecimento ocorre de forma planejada e com foco objetivo. Por tal o cinema como meio de aprendizado, estando bem atrelado aos conteúdos curriculares, pode trazer à tona conhecimentos de Verdades que por meios tradicionais, talvez não se obtivesse. Lembrando que o processo é uma constante e a “descoberta” deve acontecer no momento da criação, antes e depois do uso de recursos audiovisuais. Motivando e orientando os discentes para o retorno do conteúdo em processo no ensino aprendido, que seja em forma de filmes de curta metragem. De tal maneira que ocorra a internalização do conhecimento adquirido, levando ao sucesso no que tange à comunicação efetiva.

#### 4.1. Criação verbal e fílmica ocorre no pós e durante a produção.

Uma das questões cruciais para as nossas práticas pedagógicas é a concepção sobre o conhecimento e, no mais das vezes, este é entendido como algo pronto, acabado, sem conexão com sua produção histórica. Também é tratado como algo mágico, que “cai dos céus”, como nas lendas do “eureka” de Arquimedes ou do cientista como um ser genial dentro de um laboratório. A mídia e os que não têm desenvolvido o pensamento crítico deixam-se levar pela convicção de que é um outro mundo, ao qual não terão acesso. Relativizar: caminho para romper a mitificação. Quando se nega aos alunos a compreensão das condições culturais, históricas e sociais

de produção do conhecimento, reforça-se a mitificação e a sensação de impotência e incapacidade cognitiva. Mesmo os conhecimentos ligados às ciências naturais e matemáticas precisam ser relativizados: a beleza da abstração da matemática é absolutamente construída: na natureza não há “1” ou uma matriz de 2o. grau ou uma derivação. Quando ensinamos que “ $2+2=4$ ”, inventamos o “2”, o “+”, o “=” e o “4”. Isso vale para qualquer área. Em Estudos Sociais, usam-se mapas retangulares, com o meridiano de Greenwich como centro divisor vertical. Estando no espaço, e um planeta arredondado, isso é convenção. A linguagem absorve as convenções e perde-se no tempo: antes da era Moderna, no Oriente a referência para alguém que estava no caminho correto, mental ou não, era orientado/desorientado, quando deslocou-se a hegemonia para o hemisfério norte, passou-se a dizer norteado/desnorteado. Ambas as expressões hoje convivem... A lógica histórica é transformada em padrão natural, como se o modo “normal” do mapa e do planeta deva ser aquele da representação. [CORTELLA, p. 6, 2005]

É importante que o aluno aprenda a refletir e a participar criticamente da sociedade, não só para desenvolver uma capacidade de compreender o mundo em que vive, mas para usufruir de seus direitos, respeitar os demais, cumprir seus deveres e garantir seus direitos de cidadão. Existem determinados conhecimentos que não fazem sentido prático para o aluno, segundo Cortella, tais como que sentido faz aprender que um avião vai para o Japão sem ter realizado um determinado trajeto sobre a China e África? Ou ainda saber a distância entre o extremo da Ásia e da América do Norte, também porque saber das linguagens e suas origens como, por exemplo: ““achado não é roubado” expressão usada pelos invasores portugueses ingleses e franceses da América do Sul ? Ainda “bárbaros” que significava qualquer “forasteiro” cujo significado passou a ser sinônimo de vandalismo, e assim sucessivamente, outra mensagem que temos nos ensinamentos sobre a história e o povo, é a dos filmes que ensinam, tal como a forma que os “selvagens” são conhecidos através de filmes em que amansam, os Sioux, e os Apaches; que não eram domesticados. Cortella nos alerta sobre os diversos métodos usados pelos meios de comunicação audiovisual, para ensinar determinados fatos e pensamentos que são de interesse dos detentores do poder mundial. Ora se a mídia eletrônica e de entretenimentos é usada pelos meios de comunicação em massa, porque a educação como mediadora do conhecimento , não se utiliza desse recurso com sucesso, atingindo o seu interlocutor com eficiência e eficácia? Este é um questionamento que tentamos responder em nossa busca de

fundamentos para o que propomos em nossa pesquisa. Vejamos mais uma citação afim de respaldar melhor nossas ideias. Improvisação não é o melhor caminho para a utilização de filmes como recurso didático, segundo a autora de “*Universidade Midiatizada: O uso da televisão e do cinema na Educação Superior*” Renata Inneco Bittencourt de Carvalho, para a autora há algo muito mais elaborado e:

[...]ensinar e aprender não é... algo que ocorra ao sabor do acaso e da improvisação". Isto significa não apenas conhecer as características socioculturais dos alunos, seus conhecimentos e experiências e suas demandas e expectativas, mas, também, integrá-las realmente na concepção de metodologias, estratégias e materiais de ensino.

O professor contemporâneo pode ser comparado a um catalisador de informações e não há mais espaço para um discurso de defesa do processo de ensino-aprendizagem, apenas como transferência de conhecimento. [...]Logo, quanto mais distante e maquiado estiver o professor, mais difícil toma-se a reflexão do estudante diante do conteúdo abordado. A vertente mais adequada à concepção de educação utilizada neste livro é a sócio-construtivista, tanto por considerar que a aprendizagem é um processo de construção interno do aluno, quanto por ter o professor um papel de orientador e mediador entre a sociedade e o aluno. [CARVALHO, 2007, p. 34, 35,36]

Ocorre o aprendizado anteriormente mesmo do contato com o tema a ser estudado, e por conseguinte, há a influência empírica do discente, ao se defrontar este com a abordagem em questão na sala de aula. O ciclo de desenvolvimento cognitivo de um determinado momento da vida intelectual, vai sendo sempre alargado na medida em que um outro ciclo se completa, formando assim novos ciclos. Observemos “[...] *A medida que são completados ciclos de desenvolvimento, aumentam as funções mentais do indivíduo, resultantes das atividades que ele exerce sozinho.*” Afirma Renata Carvalho e a autora vai mais além, quando cita Vygotsky, reforçando a ideia de comprovação da capacidade de crianças que possuem níveis de desenvolvimento mental iguais, para que estas possam aprender sob o direcionamento do professor de forma variada, e que isso se dá com certeza corroborou-se assim que as idades mentais variavam e que o curso “*subseqüente de seu aprendizado seria, obviamente, diferente.*” Levando-nos assim a reafirmar a importância de defesa da nossa pesquisa: o Ensino precisa de utilização dos

recursos audiovisuais, até para aumentar a abrangência de seu público na eficiência e eficácia do processo ensino aprendizagem.

Outro trecho que ratifica o texto da referida autora é:

[...]o que nós chamamos de zona de desenvolvimento proximal. Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros capazes.] Além de a zona de desenvolvimento proximal - ZDP - representar aquilo que é solucionado sob orientação no presente, este nível poderá ser, com base em Vygotsky (1998, p. 113), o nível de desenvolvimento real no futuro.

Por analogia, poder-se-ia questionar se a reflexão crítica sobre a televisão e o cinema em sala de aula, conseqüente da orientação do professor, resulta na extensão da capacidade do aluno de, no futuro, refletir criticamente sobre a mensagem audiovisual em outros contextos que não o da sala de aula, sem a dependência do professor. [CARVALHO, 2007, p. 37]

Ora, se a representação do que é solucionado sob orientação no presente pode vir a ser a localização do nível real de aprendizado, então a Zona Proximal de Desenvolvimento, permite-nos o questionamento sobre o nível de desenvolvimento potencial, que se determina através da solução de problemas, e de que forma o cinema e a televisão podem ser em sala de aula instrumentos pedagógicos valiosíssimos, levando a reflexão crítica por parte do discente, num futuro não muito distante e em contextos diferenciados do ambiente escolar, bem como sem a mediação pedagógica, dando assim ao aluno oportunizado com o uso de recursos audiovisuais a chance de protagonismo no processo ensino aprendizagem, e sendo este bem orientado consegue por sua vez atingir a maturidade do aprender a aprender, e aprender fazendo para ser autônomo direcionando com competência sua aprendizagem. Já que segundo os estudiosos do assunto as predisposições para a aprendizagem variam, e existem diferenças intragrupais com maior frequência que as intergrupais, pois analogamente os indivíduos de uma determinada cultura quando expostos ao aprendizado em outras culturas diferentes, muitas vezes demonstram maior interesse pelo assunto, talvez nesse ponto a maior predisposição para o aprendizado em nível intergrupais que intragrupal. O fato que há necessidade de mediação na maioria dos casos, pois poucos se destacam

como autodidatas, se antes não passaram pelo processo de mediação, para aprender a aprender e aprender a fazer.

## 5. PRODUÇÕES ACADÊMICAS.

A "mediação pedagógica" focalizada neste livro contempla, também, a inclusão de programas televisivos e filmes na organização do trabalho pedagógico com o objetivo de orientar o aluno para uma recepção crítica das informações que a ele chegam e, ainda, para utilizar linguagens não-textuais, frequentemente, presentes no convívio sociocultural do estudante. Segundo Carneiro (2003, p. 28), no que se refere à utilização da televisão e do vídeo, este processo deve oferecer aos telespectadores condições de dominar diversos códigos ex-pressivos "explorando possibilidades de aprender e ensinar pela/com/para a TV.[CARVALHO, 2007, p. 42]

Sendo nosso foco a produção no âmbito acadêmico, reservamos esse capítulo para o enfoque. E abordar a mediação pedagógica é algo relevante, já que nesse modelo de mediação proposto por nós, o aluno tem oportunidade de utilizar linguagens não textuais, que estão presentes de forma recorrente no dia-a-dia do discente, não só para a recepção, mas principalmente, propomos a devolução, que este aluno seja capaz de retornar na linguagem audiovisual, com sua própria produção fílmica. Desenvolvendo capacidade de reflexão crítica no fazer pedagógico. Sendo este fazer o próprio empirismo autoaprendizagem e formação de conhecimentos específicos, cuja predisposição ao aprendizado aumenta diante dos desafios para a elaboração da resposta aos estímulos de aprendizagem por meio dos recursos audiovisuais. São pequenos detalhes que ocorrem no cognitivo que fazem realmente a diferença na propensão aos futuros conhecimentos formados durante o processo do ensinar e do aprender que aparecem ao fomentar a formação destes alunos estimulados e orientados. Especialmente no nível acadêmico, em que o educando está sendo preparado para o exercício de suas respectivas profissões e o mercado exige proatividade e maleabilidade na capacidade de aprender a aprender e aprender para fazer e fazer com competência. Ora, sendo a experiência sociocultural fundamental neste fazer pedagógico, necessário se faz compreender bem o que pensam as autoridades no assunto sobre o que vem a ser realmente os meios de comunicação. E retornamos ao texto de Muller [2009, p.142], para entender melhor o que realmente vem a ser importante na definição do conhecimento dos diversos conceitos relacionados à comunicação e seus meios:

[...]demonstrar que a utilização da palavra “mídia” em língua portuguesa se justifica melhor do que “meios de comunicação” ou a opção latinizante e afrancesada “os media”. Recordemos que Décio Pignatari traduziu o clássico *Understanding media* de McLuhan por *Os Meios de Comunicação de Massa*. Ora, como entender que o termo inglês “media” possa se referir apenas aos meios de comunicação de massa, quando McLuhan trata de coisas como a lâmpada elétrica, a máquina de escrever e o trem? Assim é que o tradutor de McLuhan, no Brasil, oscila entre “meio” e “meio de comunicação” (por exemplo, em “o meio é a mensagem”), de acordo com a utilização do singular “medium” e “media”. Ciro Marcondes Filho quase propõe que o termo “mídia” deveria ser excomungado, no prefácio de sua tradução de *Die Wirklichkeit der Medien*, de Niklas Luhmann (2005), cujo título brasileiro é *A Realidade dos Meios de Comunicação*. [...]Mais do que isso, Luhmann (1994) considera que tanto o dinheiro quanto os códigos da intimidade, como o amor, são *Medien*. [...]uma vez que a palavra pode significar várias coisas: 1) a mídia = os meios de comunicação de massa; 2) a mídia = o suporte, o meio; 3) as mídias = os diferentes veículos de comunicação; 4) as mídias = os diferentes suportes ou meios; os de transporte, transmissão e de processamento.

Entendemos que os conceitos variam e ao entendermos essas variações e suas implicações, ao que nos interessa, o mais importante é conseguir compreender as mídias, ou os meios de comunicação em massa como um fenômeno tecnológico, que pode ou não ser usado em prol da educação institucional, já que os meios de comunicação em massa, as mídias, as formas, ou mesmo os caminhos percorridos por uma determinada mensagem, ainda talvez a própria mensagem, seja um meio pelo qual o conhecimento vai ocorrer e os docentes conseguem orientar e levar os discentes a aprender a aprender e aprender a fazer com competência, retornando o aprendizado de forma midiática, também por meio de comunicação que atinge a massa mais uniformemente, e de maneira que o sucesso do processo ensino aprendizagem fica garantido, e seja atraente e sedutor para os envolvidos, acompanhando a evolução natural da espécie humana em seu contexto sociocultural em que os métodos de ensino aprendizagem ultrapassados perdem a audiência para os recursos audiovisuais, por tal devemos recorrer ao método que utiliza-se desses recursos e definir a importância de se conhecer bem os “meios” que vamos usar, sendo no seu sentido mais amplo os filmes e a produção cinematográfica nosso foco, tanto para a orientação pedagógica no que professa os conteúdos curriculares utilizando a produção fílmica direcionando-a expondo as habilidades e competências possíveis de serem desenvolvidas e atrelando o

conhecimento do método que vai ser usado no processo ensino aprendizagem, devem estar bem definidos ao interlocutor desta pesquisa o profissional docente do ensino superior. Já que se ao falar de meios estamos também nos referindo aos arquivos ou as tecnologias óticas/acústicas, como rádio ou cinema, ainda segundo Muller; *[...]instrumentos militares que acabam gerando mídias massivas, como os dispositivos de simulação 3D.*”, ou seja, existe uma grande transdisciplinaridade no que trata de “meios” pois engloba estudos literários, da estética, da comunicação, da neurologia e ainda dos transportes e da filosofia. Segundo Proust citado no texto de Adalberto Muller interessa muito mais entender como a percepção e a criação estéticas são afetadas pelas mídias da era industrial tais como: fotografia, cinema, trem, telefone, do que como se dá o processo comunicacional em si mesmo, mas convém-nos muito mais entender se a comunicação em massa educa e como podemos utilizar os recursos audiovisuais de meios tecnologicamente avançados, como a produção fílmica, para conseguir efetuar uma comunicação eficiente e eficaz, que dê conta de proporcionar a maiêutica socrática nos alunos e por conseguinte os objetivos educacionais, especialmente no ensino superior.

## 6. PRÁTICAS DE UTILIZAÇÃO DO AUDIOVISUAL NO MUNDO ACADÊMICO

Por se tratar da proposta de uma nova teoria, [...]poderiam estar mais próximas da busca de um entendimento para as formas de comunicação que as novas tecnologias e a internet têm proporcionado à sociedade, ao mesmo tempo sem esquecer que as informações que os jornais nos trazem diariamente, se não nos são apenas transmitidas ou depositadas em nós (modelo linear) ou se não obedecem uma circularidade (modelo circular), mas, de alguma forma, é o que tem contribuído para que conheçamos um pouco mais sobre nós e sobre o mundo à nossa volta. [LINS, 2009, p.3]

Para o mediador pedagógico esse conhecimento de mundo importa muito na hora de efetuar sua orientação, já que existe esta circularidade diária de informações, nos meios de comunicação em massa que nos envolve e enreda constantemente, que afeta o empirismo dos discentes diretamente, sendo um erro pensar que o uso de filmes seja apenas divertimento e descontração, ao contrário isto é uma metodologia muito mais transdisciplinar e abrangedora que muitos meios de informação que a escola ainda usa, e sem sucesso nos resultados do processo de ensino aprendizagem. Conectar-se com os recursos audiovisuais e incentivar os discentes a produção fílmica como forma de retorno do aprendizado diário, não é apenas um estudo sem fundamentos como pudemos corroborar até aqui, posto que estes meios de comunicação em que as imagens e as palavras são acopladas aos sons e movimentos, ocorre o registro completo da comunicação pretendida, pois na maioria das vezes a ótica consegue transmitir, em parceria com o efeito sinestésico, dos sons e da imagética implícita nas palavras, a mensagem do conteúdo curricular; com muito mais eficiência e eficácia, especialmente na representatividade de emoções, fatos históricos, filosofia e mensagens subliminares, entre outros, que o texto verbal, por si só, não consegue. Daí a necessidade de se atualizar e acompanhar o desenvolvimento cognitivo humano e suas influencias socioculturais. Praticar o uso de recursos audiovisuais permite a mediação pedagógica mais abrangente. Segundo Renata Carvalho o que ocorre com base nos estudos sobre televisão e vídeo na educação ocorre em vias de paradigmas diferenciados.

[...] delinea-se em três perspectivas não-excludentes[...]a educação com os meios: é a utilização estratégica do audiovisual como técnica,

recurso ou suporte de conteúdo[...]a educação para os meios: é uma abordagem do audiovisual como matéria (objeto) de estudo, considerando a produção e a recepção dos diversos gêneros e linguagens do meio[...]a educação pelos meios: é a utilização de programas originalmente [...]para educar. [CARVALHO, 2007, p. 72]

Variadas possibilidades de utilização de recursos audiovisuais foram estudadas por autoridades no assunto , segundo Renata Carvalho, “Algumas delas foram identificadas por Moran (1995) quando os programas são usados como passatempo ou como substituto do professor:” sendo elas inadequadas, o uso de recursos audiovisuais deve ser antecipadamente planejado e os filmes utilizados, previamente selecionados e atrelados ao currículo, bem como os alunos ao retornarem com sua produção fílmica devem ter em mente o que pretendem ensinar com aquele recurso audiovisual por ele produzido, ou seja, a didática e metodologia atreladas ao conteúdo, será sempre a forma correta de utilização de recurso audiovisuais. Todos os ângulos analisados, pesquisas com resultado de utilização destes recursos também devem ser conhecidos pelo discente, para que possa saber avaliar o que lhe está sendo oferecido. Como por exemplo como reagiram os alunos de uma determinada classe social ao recurso “x” e como reagiu os alunos da outra classe social, enfim são episódios que garantem uma aprendizagem efetiva com o uso de recursos audiovisuais. Entretanto a produção acadêmica por parte dos discentes deve ser o diferencial de nossa pesquisa, já que pouco pudemos encontrar neste sentido, acreditamos que esse campo tão vasto e positivo à exploração, ainda é pouco abarcado nos estudos bibliográficos que pudemos cingir, seria talvez por este método ser ainda pouco difundido, ou será porque os redutos detentores da tecnologia da informação não registram e catalogam como devem estas produções tendenciosas a educação superior do futuro na atualidade? Seguimos na busca de respostas em nosso projeto, o material fílmico a ser usado pelos docentes no ensino superior é disponibilizado de forma didática e pedagogicamente catalogado? Vamos seguindo juntos esse caminho rumo ao conhecimento e prática educacional de sucesso!

## 7. APRENDIZAGEM COM USO PEDAGÓGICO DO AUDIOVISUAL.

Existem várias razões para incluir a mídia audiovisual no trabalho pedagógico. Essa inserção pode trazer muitos benefícios para a aprendizagem, pois consegue envolver sensações dos alunos que não seriam motivadas em outros tipos de aula. Para os estudantes universitários, a linguagem do cinema e da televisão é quase sempre bastante conhecida, pois já passaram e ainda passam grande parte do tempo fora das salas de aula em contato com esses meios de comunicação. Ressaltamos, também, que a televisão e o cinema são percebidos, por grande parte dos alunos, como meios de diversão - o que torna o trabalho em sala mais agradável ao se conseguir associar a educação ao prazer.

Surge, então, a seguinte indagação: os professores da Educação Superior têm contato, na sua formação acadêmica, com conteúdos envolvendo a relação entre a educação e a comunicação? E ao uso do audiovisual em sala de aula? Além do conhecimento profundo do tema e do manuseio de alguns equipamentos, o professor deverá preparar a aula com antecedência e detalhamento. "[CARVALHO, 2007, p. 71]

Reservamos esse espaço para socializar com os demais, o que sabemos e pudemos encontrar para respaldo do uso de material fílmico, preconizando assim os elementos necessários para o bom desempenho na realização do proposto, tais recursos podem ser obtidos com uma busca personalizada, especialmente na Web, mas também em outros diversos meios de comunicação por outras vias. O docente que não fundamenta sua mídia em uma aula focada no exercício pedagógico e interação curricular conteudística, impossibilita o uso adequado dos recursos audiovisuais, por isso a autora ressalta a importância da preparação de uma boa aula. Do conhecimento prévio que o docente deve possuir para o manuseio de equipamentos de reprodução de filmes. E ou outros tipos de curta metragem, no entanto vale ressaltar que é necessário que conheçamos quais fontes via Web, podemos fazer citação sem pecaminosidade normativa, de acordo com os padrões do texto que projetamos? Sabemos de vários sítios da internet, em que se localizam de forma organizada, os melhores filmes sobre história, ou de artes, ou de outras disciplinas específicas, resta saber se são institucionalizados estes sítios. Para tal iremos acoplar mais um capítulo que se dedicará ao elencamento deste material fílmico, ainda que superficialmente. Posto que proporções diversas são possíveis de serem abarcadas no âmbito acadêmico, em que o material fílmico utilizado, muitas vezes deixa transparecer o caráter de lazer, quando na verdade o foco é outro, o de

aprender com a proposta do filme. Ora sendo bem direcionado o aluno será capaz de desenvolver habilidades e competências múltiplas com o estímulo vivenciado pela metodologia com audiovisual. Aportemos ao próximo capítulo com estes conceitos já arrigados e buscamos conhecer para fazer com competência e desenvolvimento de novas habilidades.

## 8. MATERIAIS FILMICOS E SUAS PRODUÇÕES.

[...]como a mente das pessoas reage diante de múltiplos estímulos, provocações, sinais, flashes do mundo externo que nos atingem todos os dias, todas as horas, em todos os lugares. O que se passa [...] ao receber esse volume fantástico de excitações externas. O que fazemos com elas, como reagimos, o que elas fazem conosco. [FILHO, 2013, P.10]

Levando em conta toda esta quantidade de informações a que somos submetidos o tempo todo, e pensando no amplo campo de estudos que os recursos audiovisuais nos permitem obter, vamos considerando a proposta das funções de utilização pedagógica do vídeo, que não deve ser limitada e ainda menos definitiva, segundo Ciro Marcondes Filho, a utilização deve ser dinâmica e voltada para o fazer didático. E o elencamento que ele faz, sistematiza o uso baseado em funções concomitantes, sendo: verificação da sala de aula e seus equipamentos, ou reserva de sala específica, do tipo sala de vídeo ou auditório. Deve-se fazer o registro dos equipamentos de projeção disponíveis, e só então seguir com a metodologia previamente selecionada. Vários são os profissionais que já estão obtendo sucesso com a utilização correta dos recursos audiovisuais, vejamos um exemplo:

Mostra exibirá diversos vídeos experimentais de um minuto produzidos por acadêmicos e premiados nos três concursos de vídeo minuto da UFRR e curtas realizados no âmbito de oficinas e cursos de graduação em Roraima. “A Mostra nesta edição levará ao público a riqueza da diversidade social e das histórias da Amazônia brasileira. São filmes feitos por realizadores que filmam e moram na Amazônia”, explica o jornalista Éder Rodrigues, coordenador da Mostra em Roraima. A mostra recebe o apoio da Rede de Audiovisual de Roraima, Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Amazonas (NAVI/UFAM) e Núcleo de Rádio e TV Universitária da UFRR. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA, 2016)

Sendo a realização do fazer pedagógico confirmada com o retorno positivo dos alunos, objeto de admiração é o resultado final, esta mostra é só um dos muitos outros exemplos de produção fílmica por parte dos alunos que são envolvidos na metodologia atual. Citaríamos vários filmes de diversas disciplinas e elencaríamos outros curtas metragem produzidos como retorno do aprendizado por parte dos alunos, o fato é que reservamos este feito ao projeto posterior que pretendemos concluir em um próximo trabalho de pesquisa.

## 8.1 Significando e interpretando os significados.

Pensando em oportunizar os educandos na produção fílmica e não apenas textual na hora de retornar com o que aprendeu no decorrer da etapa escolar acadêmica, é que nos engajamos a respaldar teoricamente em educadores e filósofos, de tal forma que não restassem dúvidas quanto à importância de serem os signos da linguagem fílmicas tão significantes quanto são os signos linguísticos. Assim incursionamos nosso respaldo:

O papel da interpretação da realidade e das maneiras nas quais se aprende a compreendê-la é outro dos focos de atenção de uma parte da pesquisa sobre o significado (Bruuner, 1991). Essa linha de estudo reconhece a inseparabilidade entre o conhecedor e o conhecido e a possibilidade de examinar as dimensões socialmente construídas da linguagem das práticas discursivas. Os objetos artísticos, as imagens na(s) cultura(s), aparecem assim não como unidades e variáveis formais, mas sim como unidades discursivas abertas para serem completadas com outros olhares e, portanto, com outros significados. [HERNANDEZ, 2006, P.107]

Sendo este paradigma que defendemos ao propor que os envolvidos nas áreas educacionais sejam mais abertos aos novos modos de ver e mostrar as culturas e suas características científicas e contextuais com outras formas de conhecimentos acadêmicos. Ao falar das dimensões sociais, da linguagem e das práticas discursivas o que nos remete a linguagem verbal do filme associada às imagens, ampliando imensamente as diversas possibilidades de interpretações, e de alcance de aprendizes, e em suas predisposições variadas ao aprendizado. E segundo o próprio Fernando Hernandez, nesta relação é necessária a construção do sujeito e as práticas de discursos, levando em conta o que propõe Bakhtin, ao sugerir que a função do poder solidifica os discursos que dominam, eliminando as vozes marginais e não ortodoxas, e ainda de acordo com o autor o que argumenta Foucault: O discurso se refere a um corpo de estruturas e de regulações nas relações de poder subjacentes que nossas perspectivas são transformadas e feitas esculturas em nossas construções do real. Colocações estas segundo Hernandez que questionam o sentido livre da contaminação do efeito da influência das práticas discursivas da cultura e do poder, enfim o autor fala do papel significativo que tem o filme na representação dos signos linguísticos verbais representados na fala associados às imagens, como sendo uma alternativa na hora de aprender e ensinar

bem como de expressar o resultado do seu conhecimento, a linguagem fílmica, metodologia audiovisual alternativa na hora da devolutiva também deve ser acatada no ensino superior, de maneira oficial, produzindo acervos fílmicos, da forma como são produzidos acervos bibliográficos e outros mais de acordo com as linguagens de cada área e disciplina pedem; ampliar a possibilidade de comunicação dos discentes por meio da linguagem fílmica.

## 8.2 Grandes nomes já pensaram de ‘alguma forma’ sobre isto.

Quando os alunos aprendem a fazer leituras sobre determinados fenômenos (por exemplo, por que a arte muda; por que nos livros de história da arte, quase não aparecem mulheres artistas; por que El Greco muda de local de residência e essas mudanças repercutem em suas produções; por que o trabalho do artista muda em função do tempo em que vive; como se relacionam as representações do corpo com a vivência corporal, etc.) os estudantes se protegem das interpretações “corretas” e únicas dos fenômenos. [HERNANDEZ,2006, p.107]

O que se propõe como resultado de acordo com o pensamento de Hernandez é que os discursos sejam analisados em torno da arte, “o que em cada época e circunstância é considerado como tal” não apenas pensando em pesquisa, mas em vários âmbitos que a educação permite. Por tal é que recorreremos ao pensador René Descartes (FILÓSOFOS, 2009. DVD) para exemplificar o que temos defendido até aqui, o fato de o ser humano precisar oportunidade de mostra-se como imagem e voz, pois sendo o pensador, todo ser humano necessita pensar, e sendo assim logo existir. Este ‘existir’ no entanto, não é assim tão bem compreendido pela maioria dos seres humanos, pois o tempo e a tecnologia avançam tão velozmente que nem todos conseguem entender os verdadeiros sentidos dos conceitos das palavras e seus verdadeiros usos práticos, isso sem falar na práxis e seus pragmatismos cotidianos. Mas, o fato é que Descartes também defende as bases da ciência filosófica moderna, lançando referências de uma nova educação baseada no conhecimento objetivo da realidade (e nós abrimos parênteses para lembrar que nossa atual conjuntura é a da imagem fílmica) e o que Descartes propõe trata-se de conhecimento científico metódico e criticamente estabelecido, mediante o qual se conhece o caminho e modo de ação. Enfim René Descartes (FILÓSOFOS, 2009. DVD) entende que se o método e do discurso forem bem atrelados de forma

diversificada utilizando-se de toda a tecnologia a mais moderna possível o sucesso é garantido. Paulo Freire (EDUCAÇÃO, 2008. DVD), entretanto além de doutor em Educação é também um grande pensador da Sociologia, pois foi ele o criador da metodologia que insere a leitura do mundo, a liberdade, o diálogo, a aprendizagem significativa para uma educação transformadora e, nem por isso, menos eficiente que a tradicional. Confirmando a teoria de Howard Gardner (GRANDES, 2006. DVD) só que vista de outro ângulo, já que a Teoria das Inteligências múltiplas do renomado Ph D da universidade de Harvard analisa a composição da inteligência, com sendo dividida em oito competências, a famosa Teoria das Inteligências Múltiplas; enquanto que Paulo Freire defende a teoria que o oprimido deve ser o foco das atenções na hora do aprendizado. Outro notável pensador da Educação que convém citar é o John Dewey (GRANDES, 2006), notável filósofo da educação, defende uma escola democrática e valorização do empirismo bem como do pensar e refletir criticamente no que está sendo colocado em questão. Grande marca do pragmatismo, o filósofo pensa que a ação e o pensamento forma um todo indivisível, e toda hipótese formulada deve ser demonstrada em situação prática. Assim que reunimos em arquivos pós-textuais algumas anotações importantes feitas por Renata Innecco Bittencourt de Carvalho em: "Universidade Midiatizada: O uso da televisão e do cinema na Educação Superior" com as devidas considerações citadinas e referências citamos APUD a autora listas e as tabelas cujos títulos são: *Mapeamento de uma sistematização com base em quatro funções básicas. Mapeamento dos equipamentos de projeção disponíveis, Técnicas audiovisuais e produção de mídia (2) e Artes e mídia (12). Jornalismo e reportagem (389), Marketing e publicidade (89) e Sociologia e estudos culturais (9). Abordagens das teorias da aprendizagem, Pessoas que frequentavam cursos de graduação no Brasil em 2003* . Assim que para fins de amostragem apenas na hora de pensar em elabora seu plano de ensino com uso de audiovisual, poder se respaldar em outros materiais e saber um pouco mais com a experiência de quem já pesquisou e escreveu ou registrou sobre o assunto de alguma forma.

## 9. CONCLUSÃO

A análise da adequação do filme ou programa de televisão às características e expectativas dos alunos deverá incluir uma previsão da receptividade dos alunos durante as aulas”. E preciso perceber que [...]é diferente para cada aluno. Um grupo de alunos do curso de Psicologia, por exemplo, pode receber as informações de uma telenovela diferente de um grupo da área de História. Cabe alertar, [...]a atenção que deve ser dada à indicação da idade mínima para assistir aos programas e filmes escolhidos.] Na preparação anterior da aula, o docente pode levar em consideração a idade de seus alunos, a formação acadêmica anterior, o contexto por eles vivenciado e a maioria de informações que ele for capaz de reunir. Quanto mais informações sobre os estudantes ele obtiver, maior probabilidade de adequação do uso do cinema e da televisão aos objetivos pretendidos..[CARVALHO, 2007, p. 74]

Outrora houvéssemos padecido por alguma razão, no que tange ao uso de recursos audiovisuais no ensino Superior, após esta pesquisa, notadamente podemos sentir segurança ao incursionar o tema, e deduzimos no Brasil atual, em pleno século XXI, apenas alguns são os profissionais com propriedade e autonomia metodológicas que utilizam realmente com eficiência e eficácia os recursos audiovisuais, especialmente no ensino superior, ou se o contingente for maior, há reduzido acesso aos registros bibliográficos e de outros tipos.

Coube-nos, entretanto, buscar os diversos motivos que nos levam ao uso de recursos audiovisuais no ensino superior, e sentimos que pudemos aprofundar um pouco mais os conhecimentos que realmente importam para o profissional da educação, em um mundo globalizado. Por isso a organização da aula deve ser feita previamente e o material a ser utilizado bem escolhido e selecionado de acordo com o conteúdo proposto. Avaliar os alunos da turma e detectar suas peculiaridades também tem forte influência no sucesso do objetivo pretendido. Já que um determinado grupo deve recepcionar o conteúdo de um filme de forma diferenciada de um outro grupo, sendo estes pequenos detalhes de suma importância na hora de preparar a aula com o uso de recursos audiovisuais, permitindo uma ampla gama de diversificação metodológica, se adequando aos diversos tipos de alunos e suas respectivas características e predisposição para o aprendizado. Os escritores e autoridades da área da educação corroboram há muito tempo discutindo e escrevendo registros de experiências com o uso do audiovisual, alguns em

consonância com nossa pesquisa de que os alunos podem e devem ser envolvidos nessa prática de utilização de recursos audiovisuais, não só para a recepção de informações, mais sim e principalmente retornar aos docentes nesta mesma forma metodológica, ou seja, em linguagens fílmicas, utilizando-se eles também dos recursos audiovisuais. Recorrendo assim a diversidade sociocultural, dos alunos diretamente e levando-os ao empirismo pedagógico, aprendendo a aprender e aprender para fazer, realizando com competência o que se propõe no processo ensino aprendizagem.

De maneira que ao adotarmos a moderníssima metodologia de ensino com a utilização de recursos audiovisuais seremos beneficiados com a obtenção de sucesso no resultado positivo da aprendizagem, e principalmente o sucesso obtido pelo discente que utiliza os recursos audiovisuais, levando-nos ao alcance dos objetivos, atingindo-os em suas diversas predisposições de aprendizagem; não é só oportunizar as diversas predisposições de aprendizagem a serem exploradas, mas principalmente, possibilitar a comunicação de forma diferenciada do conteúdo escrito armazenado por décadas em textos que estão ficando cada vez menos atraentes aos atuais universitários globalizados e imediatistas. Pensar numa possibilidade de retorno fílmico da produção acadêmica é inovar, é criar na indução à maiêutica socrática nossa de cada dia, que nos mantêm vivos, no *Nefesh* divino, que nos faz *Uno* e Trinos. Recordando-nos os filósofos e grandes pensadores da educação.

E atendendo aos anseios do docente quanto aos aspectos da modernidade e prática pedagógica bem dinâmica e diversificada, dando conta de atender a demanda do novo modelo de educação inclusiva e isto sem falar nas predisposições diferenciadas para o aprendizado de determinado conteúdo. As pedagogias construtivistas, democráticas, pragmáticas, modernas, inovadoras, que juntas possam realmente transformar o modelo tradicional de avaliação e transmissão de conhecimento acadêmico em modelo universal e modernizado. Que ao ensinar o professor universitário aprenda e se surpreenda com seus discentes. Pois sabemos que o maior prazer humano está em criar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Brasil. **Constituição Federal**. 35. ed. Brasília: Edições Câmara, 1988. Disponível em: [http://www.cinequanon.art.br/ensaios\\_detalhe.php?id=28](http://www.cinequanon.art.br/ensaios_detalhe.php?id=28). Acesso em set. 2016.

CARVALHO, R. I. B. **Universidade Midiatizada: o uso da televisão e do cinema na Educação Superior**. Brasília: Editora Senac, 2007.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento**. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

FILHO, C. M. **Nova teoria da comunicação**, v. 1: o rosto e a máquina o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. São Paulo: Paulus, 2013.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo : Atlas, 2002.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

KLAUS, V. **O Cinema segundo Walter Benjamin**. *Revista Brasileira de Educação*, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000200014>. Acesso 10 jun. 2016.

LINS, P. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nova teoria**. *Revista Eletrônica Temática*, 2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009.html>. Acesso em 18 jun. 2016.

**Mostra de Cinema Universitário**. 2016. Disponível em: <https://www.ufrb.br/ultimas-noticias/2571-mostra-de-cinema-universitario-sera-realizada-na-ufrb>. Acesso em set. 2016.

MÜLLER, A. **Proust e as mídias: o trem, o telefone, a fotografia e o cinema**. São Paulo: Revista USP, n.85, p. 140-152, março/maio, 2010.

MUNCH, E. Quadro – **O Grito**. Disponível em: [http://galeriadefotos.universia.com.br/uploads/2012\\_10\\_26\\_22\\_13\\_590.jpg](http://galeriadefotos.universia.com.br/uploads/2012_10_26_22_13_590.jpg). Acesso em nov. 2016.

VIANA, N. **Cinema segundo Walter Benjamin**. *Revista espaço Acadêmico*, n. 66, 2006. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/066/66viana.htm>. Acesso em ago. 2016

**Filósofos e a educação**. DESCARTES. R. São Paulo: Paulus Editora, 2006. DVD.

**Grandes Educadores**. DEWEY, J. São Paulo: Paulus Editora, 2006. DVD.

**Grandes Educadores**. FREIRE, P. São Paulo: Paulus Editora, 2008. DVD.

**Grandes Educadores.** GARDNER, H. São Paulo: Paulus Editora, 2006. DVD.

## LISTA DE TABELAS

ANEXO A - TABELA B I QUANTIDADE DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM  
2002 [APUD, CARVALHO, 2007 p. 65]

\* Técnicas audiovisuais e produção de mídia (2) e Artes e mídia (12).

\*\* Jornalismo e reportagem (389), Marketing e publicidade (89) e Sociologia e estudos culturais (9).

ÁREA	QUANTIDADE DE CURSOS	QUANTIDADE DE CURSOS NAS ÁREAS DE EDUCAÇÃO E/OU COMUNICAÇÃO
Educação	4.675	4.675
Humanidades e artes	673	14*
Ciências sociais, negócios e direito	3.899	487**
Ciências, matemática e	1.642	
Engenharia, produção e	1.115	
Agricultura e veterinária	335	
Saúde e bem estar social	1.575	
Serviços	485	
TOTAL	14.399	5.176

ANEXO B - QUADRO I Abordagens das teorias da aprendizagem [APUD, CARVALHO, 2007, p. 35]

ABORDAGEM	CONCEITO DE APRENDIZAGEM	PAPEL DO PROFESSOR	TEÓRICOS
COMPORTAMENTALISTA	Mudança de comportamento	Motivar o aluno com estímulos e reforços	Burrhus Skinnere Robert
COGNITIVISTA	Processo interno de construção do indivíduo	Orientar criando situações-problema	Jean Piaget
SÓCIO-CONSTRUTIVISTA	Processo influenciado pelas estruturas cognitivas, comprometido com a cultura e os processos sociais em que ela é produzida	Mediar oferecendo oportunidades para que o aluno construa novos conceitos a partir do contexto social	Lev Vygotsky

ANEXO C - TABELA I | Pessoas que freqüentavam cursos de graduação no Brasil em 2003  
[APUD, CARVALHO, 2007, p. 38]

IDADE	QUANTIDADE DE ALUNOS	PORCENTAGEM RELATIVA
15a 19	487.953	16%
20 a 24	1.274.648	44,5%
25 a 29	483.216	17%
30 a 39	443.978	15,5%
40 a 49	155.449	7%
50 ou mais	38.803	1%
TOTAL	2.864.046	100%

## APÊNDICES

APÊNDICE A – Mapeamento parcial da mediação pedagógica. [APUD, CARVALHO, 2007 p. 63, 65, 67,68,71]

- a) a educação com os meios: é a utilização estratégica do audiovisual como técnica, recurso ou suporte de conteúdo;
  - b) a educação para os meios: é uma abordagem do audiovisual como matéria (objeto) de estudo, considerando a produção e a recepção dos diversos gêneros e linguagens do meio;
  - c) a educação pelos meios: é a utilização de programas originalmente produzidos para educar.
- os da classe baixa abordavam o assunto afirmando que o sistema econômico não provê trabalho suficiente e
  - os da classe média associavam o desemprego ao fracasso pessoal do indivíduo da classe baixa.
  - 72% eram autodidatas do audiovisual, ou seja, reconheceram não possuir formação acadêmica na área;
  - 50% dos professores declararam utilizar o vídeo como suporte didático;
  - os cursos de Geografia, História e Biologia foram as áreas que possuíam maior porcentagem relativa de professores que utilizaram o videocassete: 71%, 70% e 64%, respectivamente.
  - vídeo-tapa-buraco: passar o vídeo quando ocorre um problema inesperado na instituição ou com o professor;
  - vídeo-enrolação: passar o vídeo sem muita relação com os temas abordados;
  - vídeo-deslumbramento: utilizar o vídeo em muitas ou todas as aulas quando o professor se empolga com as possibilidades que traz;

- vídeo-perfeição: criticar todos os vídeos que apresenta, alegando defeitos de informação ou problemas técnicos;
- só-vídeo: apresentar o vídeo sem integrá-lo ao assunto da aula.

APÊNDICE B – Mapeamento de uma sistematização com base em quatro funções básicas. [APUD, CARVALHO, 2007 p.72]

- função de informação e de conteúdo: consiste em apresentar o programa produzido para apresentar o conteúdo da aula (forma direta) ou o programa produzido sem tratamento pedagógico específico (forma indireta);
- função de motivação: significa utilizar o potencial motivacional do meio audiovisual para problematizar conteúdos, aproximando a cultura do aluno, com a emoção, com as imagens do mundo real;
- função de ilustração: consiste em apresentar documentos, imagens, vozes ou até mesmo fatos e histórias para ilustrar aulas, ajudando na compreensão de fatos, idéias e conceitos;
- função de meio de expressão: significa produzir mensagens audiovisuais como modo de expressão.

APÊNDICE C – Mapeamento dos equipamentos de projeção disponíveis [APUD, CARVALHO, 2007 p. 73]

- aparelhos de televisão ou telas de projeção multimídia;
- aparelhos de videocassete ou aparelhos de reprodução de DVD/ CD de audiovisual ou computadores com capacidade de reprodução de DVD/CD de audiovisual.